Entrevista

Externato Delfim Ferreira, Riba de Ave

CONDUZIDA POR PAULO RIBEIRO CLARO

A equipa portuguesa que participou nas VII Olimpíadas Ibero-americanas de Química, realizadas na Argentina, regressou a Portugal com uma medalha de bronze, conquistada pela aluna Ângela Filipa Pereira Cardoso, do Externato Delfim Ferreira, de Riba de Ave. Foi a primeira medalha conquistada por alunos portugueses em competições internacionais de química, um bom pre-

texto para visitar o Externato Delfim Ferreira e conversar com os professores Carlos Folhadela Simões (Coordenador do Departamento de Química) e Cristina Alves (Professora de Química da Ângela). Uma conversa que começou naturalmente pelo professor Josias Barroso, Presidente da Direcção Pedagógica, em representação da instituição.

PRC – Dr. Josias Barroso, começo por lhe pedir que nos apresente o Externato e um pouco da sua história.

JB – O Externato Delfim Ferreira é uma escola que se situa no coração do Vale do Ave, que surgiu há mais de 40 anos como uma escola particular, sendo a primeira escola com todas os níveis de ensino – desde o pré-primário ao secundário – no concelho de Vila Nova de Famalicão. Serviu uma população que hoje andarà na ribalta em todas as áreas de actividade: merceneiros, serralheiros, médicos... o que se possa imaginar, na vida social, económica e cultural da região,... alguns no estrangeiro, como investigadores.

Depois do 25 de Abril (de 1974) com o regime de escolaridade obrigatória, o Estado precisou de escolas e pediu ao colégio que se associasse ao Estado para suprir as carências na região. Naturalmente, fizemos o contrato de associação com toda a boa vontade, temos uma área pedagógica para servir, não escolhemos os alunos, os alunos da região têm direito a frequentar a escola...

PRC – Afinal é um colégio semi-privado? Julgava que era totalmente priva-

do, com candidaturas de alunos, propinas, ...

JB – Como eu disse, o Estado pediu e nós prontificámo-nos a prestar um serviço público, temos naturalmente uma área para servir, recebemos o pobre e o rico...e para o aluno o ensino aqui é gratuito. A única coisa que nos diferencia do Estado é que a propriedade é privada.

PRC – ...como uma escola pública de gestão privada.

JB – Mas não é por aí que pode vir a qualidade do nosso ensino. A qualidade vem pelo único privilégio que podemos ter, que é a escolha dos professores. E ao escolher os professores, temos em conta não só a competência, mas também o grau de afectividade, o grau de empenho e dedicação que eles nos possam transmitir quando chegam aqui a solicitar emprego. Nós continuamos a ter aqui como principal factor de aprendizagem os professores. Este colégio tem pelo menos 2/3 de alunos que são filhos de antigos alunos e pelo menos 50% dos professores são antigos alunos e esta relação afectiva é fundamental.

PRC – Quer dizer que dão prioridade aos antigos alunos na contratação de professores?

JB – Nós damos prioridade aos antigos alunos, criámos um ideário educativo carregado de afecto... aliás, que está expresso no hino do colégio, que terei todo o gosto em oferecer, que é um hino ao aluno... e todo o ideário do colégio assenta nessa base de grande afecto. O aluno "é oiro de lei para todo o mundo", uma "alma em flor" e tudo o que o hino canta... primeiro cuidar da pessoa, depois os resultados hão-de aparecer.

PRC – Já que falou na qualidade de ensino: o meu pretexto para vir aqui foi o resultado obtido pela Ângela nas Olimpíadas Ibero-americanas – e já lá voltaremos –, mas eu também reparei que os alunos do Externato obtêm boas classificações nos exames nacionais, e sem grandes desvios entre a nota de exame e a nota interna.

Como não fazem selecção de alunos à entrada, a qualidade que os alunos apresentam à saída tem a ver com a própria instituição. Já me disse que um contributo importante resulta da selec-

figura 1 Carlos Folhadela Simões, Cristina Alves, Josias Barroso

ção dos professores. Há mais algum contributo que mereça ser salientado?

JB – O aluno é tratado no colégio com afecto. A história do colégio transporta um passado que orgulha os professores, os professores estão emanados dele e cada professor é o colégio e nunca vi um professor regatear esforços para ajudar um aluno. Os professores procuram saber se o aluno precisa de ajuda para além da aula e tudo isto faz com que o aluno também se sinta acarinhado e muito preso a este projecto mais humano do que físico que se desenvolve aqui no colégio. O colégio tem fundamentalmente como missão educar e transformar a pessoa que está dentro do aluno para ser um grande Homem. Se calhar é por isso que temos alunos que muitas vezes não vão para o curso que querem mas são realmente autênticos alunos e alunos equilibrados. E eu prefiro um aluno equilibrado a um doutor complicado.

PRC – A participação do colégio em Olimpíadas e competições afins é apoiada pela Direcção?

JB – Sim é apoiada pela Direcção, e falando pelo meu modo de estar, eu entendo que tenho aqui professores muito competentes – e estamos a falar do secundário mas este também colhe muito os frutos vindos do primário – um grupo de trabalho que se preocupa, que investiga, que está atento, que pensam

nos alunos... e temos tido alguma sorte – a sorte dá muito trabalho – e todos os anos temos alunos que se distinguem numa ou noutra área: não só a nível das Olimpíadas de Química, também já foi nas Olimpíadas de Matemática, já foi nos núcleos do Clube Europeu (em que uma nossa aluna foi representante máxima ao Parlamento Europeu há 4 ou 5 anos), já foi no Concurso de literatura da Caminho... até um prémio de claques desportivas ganhámos no campeonato europeu de andebol... tudo isto fruto do trabalho que desenvolvemos. Ao nível da química, temos um corpo docente extremamente competente, que faz um trabalho excelente, e depois os alunos fazem o resto.

PRC – Vou então aproveitar para começar a conversar com os professores... e voltar a centrar a atenção nas Olimpíadas e no resultado da Ângela, com uma pergunta que me interessa particularmente: como é que tiveram conhecimento das Olimpíadas da SPQ?

CA – Foi a direcção pedagógica que recebeu o cartaz das Olimpíadas de 2002 e que falou connosco... apesar de que já tínhamos conhecimento de que iam ocorrer e já tínhamos procurado alguma informação... nomeadamente até pelo interesse de alguns alunos, que nos perguntavam "vai haver nesta escola ou não?".

PRC – Os próprios alunos mostraram interesse?

CA – Sim, porque já conheciam as Olimpíadas de Física, tínhamos tido alguns resultados interessantes no ano anterior e, portanto, os alunos já estavam motivados para este trabalho extra-aula e para estas actividades.

PRC – E tiveram uma participação de alunos muito elevada na 1.ª fase das Olimpíadas?

CA – Nós não temos um número de alunos muito elevado a nível do 10-12.º ano. No ano passado havia duas turmas do 12.º com cerca de 20 alunos cada e uma turma de 11.º, mas ainda tivemos que fazer uma selecção, porque houve cerca de 10-15 alunos concorrentes.

CFS – Mas é importante referir que logo a seguir à ida ao Porto (na semifinal) começaram a aparecer alunos a perguntar "e para o ano, quando é?", portanto este ano vamos certamente ter maior participação.

PRC – Espero que sim! Sei que acompanharam a equipa portuguesa às "Ibero-americanas" (uma colaboração que eu desde já agradeço, porque contribuíram sem dúvida para o ambiente positivo da selecção na Argentina). Qual foi a vossa impressão geral em relação às provas e à reacção dos alunos?

figura 2 Um aspecto da sala de apoio "Ciência Viva"

CA – Em relação às provas, elas abrangem um conteúdo programático que está muito para além do que é ensinado até ao 12.º ano. Só para exemplo, dos seis problemas da prova teórica eles têm conhecimentos para responder a dois. A preparação que foi dada aos alunos aqui na escola foi para os motivar para a química, para eles quererem saber mais, mas não com o objectivo do programa das olimpíadas. No entanto, o que notei – principalmente em relação à Ângela – é que ela gostou muito do modo como foram postas as questões, porque eles normalmente perguntam muito "será que isto um dia vai servir para alguma coisa", e foi uma demonstração de que aquilo que eles aprendem nos livros pode ser aplicado na prática, e que "aquilo que eu aprendi serve para alguma coisa numa situação nova, numa situação diferente; aprendi e consigo pensar"...

PRC – Chamou a atenção para o facto do programa ultrapassar largamente o programa do 12.º ano, nós sabemos isso, e sabemos que os nossos estudantes estão em grande desvantagem em relação àqueles que recebem uma longa preparação específica...

CFS – E notou-se...

PRC – Eu gostava de saber se a Ângela, antes de partir vos solicitou algum apoio. Nós mobilizámos alguns docentes do Departamento de Química da

Universidade de Aveiro para dois dias de preparação intensiva, mas isso é obviamente pouco...

CA – O que eu facultei à Ângela foi o conjunto de provas das finais e semifinais nacionais. Ela fez algumas, mas como foi em altura de férias, de candidatura e entrada na universidade...

CFS – Eu queria acrescentar uma coisa, que foi a sensação que tive quando a medalha da Ângela foi anunciada... tudo aquilo que foi feito com a Ângela – e a Ângela representa, no fundo, aquilo que foram os alunos desta casa – mostra que o trabalho que se faz desde o 8.º ano até ao 12.º está no bom caminho. Ou seja, sem qualquer preparação específica para ela participar numa olimpíada, ao conseguir o resultado que teve, só nos demonstra que estamos a fazer um trabalho válido. E se conseguirmos motivar os alunos para outros temas extra-programa os resultados só poderão vir a ser melhor nos próximos anos.

PRC – Esta sua intervenção vem mesmo ao encontro do que eu trazia nos meus planos para esta conversa, isto é, irmos à procura das razões do sucesso da Ângela. De acordo com a mentora, chamemos-lhe chefe de equipa (Prof. Dra. Clara Magalhães), que acompanhou de perto os trabalhos de avaliação das provas na Argentina, a Ângela conseguiu a medalha porque,

por um lado, fez uma prova laboratorial "certinha", e, por outro, teve a capacidade de "usar o que sabia para responder ao que não sabia". E daqui resultam claramente duas perguntas, a primeira das quais em relação à preparação laboratorial: quais são as condições laboratoriais aqui no Externato?

CFS – Mentiria se dissesse que são óptimas (risos). Mas são boas, ou até mais do que boas, e tem sido feito um esforço nos últimos anos, por parte da administração pedagógica, para nos proporcionar aquilo que nós vamos pedindo. E de há 6 a 7 anos a esta parte temos conseguido executar uma série de trabalhos que necessitam desde instalações a reagentes e material – algum dele de custo elevado – e temos tido alguma sorte com os alunos: os professores podem ser o que forem, mas se os alunos não estiverem interessados, não há fórmulas milagrosas. Portanto, temos tido a sorte de ter as condições, tenho de reconhecer que também fazemos algum esforço para motivar os alunos e disponibilizar-nos sempre que seja necessário, e temos tido alunos empenhados. O caso da Ângela é um exemplo daquilo que se vai fazendo nesta escola. Por exemplo, quer eu quer a Cristina, ainda antes de sabermos dos resultados das Olimpíadas de Química, já tínhamos um projecto para fazer os trabalhos laboratoriais do 12.º ano com eles em horário extra-curricular no âmbito do

figura 3 O laboratório de química

Clube de Química. Já lhes demos um caderno de actividades e agora durante o ano lectivo, eles terão a química teórica durante as 6 ou 7 horas semanais e terão tardes do Clube de Química em que só farão os trabalhos laboratoriais.

PRC – O Clube de Química já tinha despertado a minha curiosidade quando visitei a página da internet do Externato. Considera que o "Clube" tem um papel importante no ensino da química aqui no Externato?

CFS – Sim, desde logo porque o Clube de Química concorreu a vários projectos Ciência Viva e conseguimos tocar várias temáticas e pôr os alunos a fazer coisas que normalmente não fariam parte das suas aulas. Por outro lado, o Clube de Química convida todos os novos alunos – os do 5.º ano – para fazer um primeiro contacto com o laboratório. Fazemos algumas experiências engraçadas e eles saem de lá fascinados. Ainda recentemente uma colega me veio dizer "anda aí um aluno (do 5.º ano) à tua procurar porque quer voltar ao Clube de Química para fazer mais experiências". Esta motivação – ou ilusão – inicial parece-nos muito importante, e desde o ano passado encetámos um projecto para levar a actividade experimental ao 1.º ciclo. De acordo com o programa e com os colegas desse ciclo, estamos a montar um conjunto de experiências muito simples

para que eles as possam realizar na própria sala de aula.

Por outro lado, todas as actividades que vão surgindo, como é o caso das Olimpíadas, encontram no Clube de Química o espaço aberto para se desenvolverem, e de vez em quando temos de inventar horas para responder ao que nos é solicitado. E como eu e a Cristina temos um defeito grande que é não saber dizer não...

Agora há uma coisa que gostava de exprimir: a minha tristeza, e julgo que também da Cristina, e de muitos professores de química, física e biologia neste país, pela "morte" (anunciada) do programa Ciência Viva. Parece-nos a nós que o Ciência Viva foi o trampolim que permitiu um grande salto no ensino experimental das ciências...

PRC – Mas sente que uma possível redução de verbas do Ciência Viva vai afectar a capacidade para manter essa actividade do Clube de Química?

CFS – Eu julgo que não – e o senhor Presidente da Direcção Pedagógica vai já dizer que está aqui para nos apoiar – e o mais importante é a motivação, a resposta que se dá aos alunos, e depois... como diz o povo "quem não tem cão caça com gato" e havemos de encontrar forma de continuar. Agora creio que a nível nacional, a possibilidade do Ciência Viva poder abrandar, ou até aca-

bar, será um grande rombo nas expectativas criadas ao longo dos anos.

PRC – Em relação a esta questão, todos sabemos que manter um laboratório de química é caro. Dr. Josias Barroso, uma instituição de gestão privada não sente a tentação de "deixar de lado" uma actividade tão dispendiosa?

JB – Não, de maneira nenhuma. Já nos primeiros tempos os laboratórios – e eu lembro-me bem e posso mostrar-lhe fotografias – eram o orgulho do colégio: o laboratório de química, o laboratório de física, o laboratório de biologia. Quando o Prof. Carlos diz que as condições não são óptimas... não podem ser óptimas porque está a funcionar no seu espaço original, e para construir um laboratório de raiz... eu já mudei o laboratório de física para uma sala mais ampla, mas entendendo que o laboratório de química, com a sala anexa adstrita ao Ciência Viva, acaba por ter um funcionamento muito bom. Porque se há situações em que o colégio não regateia esforços é nos consumíveis de laboratório e na instrumentação básica necessária.

Mas a escola não pára de crescer, e depois do Centro de Recursos e do auditório, será concluído em breve o pavilhão gimnodesportivo e está em curso a remodelação e ampliação do estabelecimento, estando prevista a construção de 13 novas salas.

De qualquer modo, quero referir os nossos antigos alunos nos dizem que os professores na universidade, nas aulas práticas laboratoriais, lhes perguntam de onde é que vêm, em que escola andaram...

PRC – Então vamos à segunda questão acerca do desempenho da Ângela: a tal capacidade de usar os conhecimentos adquiridos para conseguir responder a questões não directamente leccionadas. Nós sabemos que os alunos têm muitas vezes a tentação de responder "isso eu não dei, portanto não sei". Como é que se treina o oposto, isto é, "esta matéria eu não dei, mas com o que sei talvez consiga chegar lá"?

CFS – Parece uma pergunta complicada, mas é muito fácil de responder: em primeiro lugar temos que ter alunos motivados e temos que ter sorte em que apareçam alunos assim. A partir daí, há uma coisa no colégio que eu definiria com "o amor à camisola", ou o "vestir a camisola"... e portanto os professores "vestem a camisola" e trabalham, mas os alunos também vivem a escola... e é exactamente essa questão dos alunos viverem a escola e conseguirem absorver o espírito que lhes é transmitido pelos professores que lhes permite depois conseguir, com os conhecimentos que têm, passar a situações novas. E isso é uma tentativa que se faz aqui nesta escola, ao colocá-los perante situações novas - que podem ser o participar nas olimpíadas numa disciplina qualquer, o concorrer aos concursos de literatura, o proporcionar-lhes viagens de estudo, o ir às universidades nos seus Dias Abertos às escolas secundárias, o participar no "Jogo da Cidadania", a ida a Estrasburgo com uma representação do colégio... são temas tão diversificados que os alunos vão participando e adquirindo a capacidade de lidar com situações novas.

PRC – Ainda queria voltar a falar com a professora da Ângela – esta entrevista

volta sempre à Ângela. Como é que ela era como aluna: um caso excepcional, daqueles que surgem de quando em quando, ou uma boa aluna que soube aproveitar as oportunidades que teve?

CA – A Ângela é uma aluna como temos alguns outros todos os anos. Não é uma aluna que se possa classificar como diferente. Se calhar, mesmo no seu ano, não era a melhor aluna de química. Era uma aluna interessada por tudo o que era novo, que tentava ir além da simples resolução de cada problema. Mas a química nem era aquilo que ela mais gostava, era a matemática..

PRC – Aliás, ela entrou na Lic. em Matemática na Universidade do Porto....

CA – ...mas interessava-se sempre por participar em qualquer actividade.

PRC – Quer dizer que esperam vir a ter outros alunos com participações semelhantes nas Olimpíadas?

CA – Sim, claro!

PRC – Há pouco, o Dr. Josias Barroso comentou o facto de mais de 50% dos professores terem sido alunos no externato. Algum de vós foi aluno cá?

CA e CFS – Não.

PRC – Então já agora pergunto: como é que vieram cá parar?

CA – Por acaso (risos). Eu ainda estava a acabar o curso de Engenharia Química no Porto e precisava de trabalhar, e sem nenhuma experiência, vi o anúncio no jornal, e cheguei aqui e disseram-me que era muito nova, mas que havia sempre perspectivas para quem queria começar com vontade, embora sabendo pouco... porque quando saímos da universidade a experiência é muito pequena.... mas sempre me ajudaram muito, demonstraram sempre muito carinho, e acho que consegui aprender algumas coisas e transmitir isso aos meus alunos.

CFS – Estava a dar formação no âmbito de cursos do Fundo Social Europeu e concomitantemente leccionava numa escola do ensino público. Tinha excelentes referências do Externato, o Colégio de Riba d'Ave. Também porque se situava no concelho onde habito, decidi candidatar-me a um lugar. E tive sorte. Fui escolhido e é assim que ainda cá estou. E espero que por muito mais anos, sempre com desafios aliciantes pela frente...

PRC – Há uma pergunta que eu não posso deixar de lhe fazer, já que passou pelos dois sistemas: como compara a situação do professor numa escola secundária pública e numa privada, ou de gestão privada?

CFS – Julgo que essa pergunta é colocada no sentido de vermos como se podem comparar os resultados obtidos num lado e no outro e o que se pode sentir em termos de gestão. Eu definiria isso de um modo muito simples, com uma frase que é do Dr. Daniel Sampaio: aqui nesta escola há um rosto. Quando há um rosto, há quem directamente nos interpele sobre o trabalho que vamos fazendo. E a experiência que eu tenho do ensino público é que esse rosto está completamente diluído, como costumamos dizer "o patrão é o Estado". Aqui nós conhecemos o patrão, sem qualquer conotação negativa na palavra. É um rosto visível que todos os dias está connosco, quer para nos chamar a atenção para fazermos melhor, quer para nos louvar nas iniciativas que o merecem, e que implica claramente que tem de haver outro empenho, e que no fundo todos nós, professores e alunos sentimos que estamos acompanhados. Mesmo a questão do hino, do ex-libris, da história... é uma história vivida por todos, professores e alunos. É claro que isto traz um corpo docente estável, traz assiduidade, não há o "faltar por dá cá aquela palha"... e tudo isto tem de se reflectir nos resultados.